

## PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES: POR QUE E EM QUE ELAS DIFEREM DAS CIÊNCIAS NATURAIS?

**Léa Velho**

Uma das prioridades de atuação dos governos no setor de educação do Mercosul é a compatibilização e harmonização dos sistemas educacionais dos países que o integram. No âmbito da pós-graduação busca-se, entre outros meios para alcançar tais fins, ampliar a equivalência de títulos de diplomas e harmonizar mecanismos de credenciamento de instituições e reconhecimento de cursos. As discussões sobre a harmonização e compatibilização de sistemas entre países, sobretudo na pós-graduação, freqüentemente remetem à questão das diferenças entre áreas do conhecimento. Este texto, que trata brevemente de aspectos de tais diferenças no cenário internacional, e inclui referências a países outros que não os cientificamente centrais, tem por finalidade subsidiar ações que visem alcançar os fins e meios antes referidos.

Já fazem parte do senso comum muitas das diferenças entre as áreas do conhecimento quanto à sua estrutura, processos de comunicação e recompensa, modos de socialização de novos pesquisadores etc. Uma das explicações para tais diferenças – a mais bem-aceita entre os estudiosos da ciência – encontra-se no conceito de paradigma

proposto por Kuhn.<sup>39</sup> A essência do conceito de paradigma é o grau de consenso – ou ‘crenças partilhadas’ – dentro de uma área do conhecimento sobre teoria, metodologia, técnicas, modos de interpretação, critérios de julgamento e problemas. Kuhn também sugere a existência de um *continuum* de graus de desenvolvimento do paradigma e aponta as ciências físicas como tendo paradigmas maduros e bem desenvolvidos e as Ciências Sociais como estando numa fase pré-paradigmática, ou seja, de baixo grau de consenso.

Este nível diferenciado de desenvolvimento paradigmático reflete-se diretamente nas atividades de ensino, na pesquisa e nas relações estudantes/professores que têm lugar nas várias áreas do conhecimento. Este texto procura discutir diferenças entre as Ciências Humanas e Sociais (daqui em diante CHS) e as Ciências Naturais<sup>40</sup> que tenham implicação direta ou indireta para as atividades relacionadas à pós-graduação. O objetivo do texto é alimentar a reflexão sobre a seguinte questão: é possível e desejável que os cursos de pós-graduação em Ciências Sociais se aproximem do padrão de comportamento daqueles das Ciências Naturais?

Um bom ponto de partida para a reflexão é a resposta à pergunta: como se manifestam as diferenças entre a pós-graduação nas Ciências Sociais e nas Ciências Naturais?

---

39 O conceito de paradigma científico, conforme descrito por Kuhn, inclui não apenas a teoria e os resultados considerados relevantes e aceitos na área, mas também as metodologias preferidas, um entendimento tácito sobre quais problemas são importantes etc. O paradigma fornece estrutura à área científica ao sugerir quais problemas devem ser investigados, quais métodos são apropriados para seu estudo e até que resultados são considerados ‘verdadeiros’. Kuhn, T. S. (1970, 2nd ed.), *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago, Press.

40 Quais áreas do conhecimento ou especialidades estão incluídas em cada uma destas categorias varia com os objetivos do estudo, da instituição, no tempo e no espaço. Nestas notas, a menos que se aponte explicitamente no texto, estaremos adotando a classificação usada por: Wanner, R. A.; Lewis, L. L. & Gregorio, D. I. (1981), “Research Productivity in Academia: A Comparative Study of the Sciences, Social Sciences and Humanities”. *Sociology of Education*, 54: 238-253. Estes autores incluíram em cada categoria as seguintes disciplinas: *Ciências Físicas e Biológicas ou Naturais*: Química, Física, Ciências da Terra, Biologia, Bacteriologia, Biologia Molecular, Virologia, Microbiologia, Bioquímica, Botânica, Zoologia, Fisiologia, Anatomia; *Ciências Sociais*: Antropologia, Psicologia, Arqueologia, Economia, Ciência Política, Sociologia; *Humanidades*: Língua, Linguística, Literatura, História, Filosofia, Teologia e Artes.

## 1. Diferenças no financiamento?

Na grande maioria dos países, as CHS tendem a receber apoio menor das agências governamentais do que as Ciências Naturais. Isso tem sido ainda mais evidente nos anos recentes, quando os recursos públicos para a ciência e tecnologia (C&T) entraram numa fase que tem sido chamada de *steady state*. Assim, nos Estados Unidos, por exemplo, enquanto cerca de 80% dos estudantes de doutorado em Ciências Naturais têm alguma forma de financiamento, seja do governo federal, da própria instituição ou de empresas privadas, apenas 30% dos doutorandos em Ciências Sociais se encontram nessa situação.<sup>41</sup> Ela se repete numa série de países, mas não é o caso brasileiro.

Houve um período, considerando particularmente a ação de fomento do CNPq, em que as Ciências Sociais eram bem menos financiadas no país que as demais áreas do conhecimento. Tratando-se de bolsas de pós-graduação, essa situação começa a mudar já no final da década de 70 para se transformar totalmente nos anos seguintes: em 1980, por exemplo, as áreas de CHS recebiam 263 bolsas de mestrado (cerca de 11% de um total de 2.463) e 64 de doutorado para um total de 485 (13%), e chegam em 1991 recebendo 3.657 (34%) bolsas de mestrado, de um total de 10.797, e 1.234 (25%) de doutorado, de um total de 4.878 bolsas alocadas pelo CNPq para programas de pós-graduação.<sup>42</sup>

Na CAPES, já desde 1980, as Ciências Humanas e Sociais têm sido aquelas que recebem a maior porcentagem de bolsas de pós-graduação. No período 80-84, a CAPES concedeu 27.692 bolsas de mestrado, sendo 10.928 (39%) para as CHS e 5.717 bolsas de doutorado, das quais 1.846 (32%) para as CHS.<sup>43</sup> Neste mesmo

---

41 *Science and Engineering Indicators*, 1993.

42 CNPq/MCT (1995), *O CNPq e a Formação de Recursos Humanos de C&T para o Brasil*. Estatísticas de Bolsas no País e no Exterior (1980-1995). Brasília, CNPq/MCT.

43 Cagnin, M. A. & Silva, D. H. da (1987), *A ação de fomento na história do CNPq*. Brasília, MCT/CNPq, p. 65.

período, estas áreas foram responsáveis por 36% dos mestres e 26% dos doutores formados no país (p. 70).

O esforço de formação de recursos humanos para pesquisa em CHS não se limitou ao treinamento dentro do país. Ao mesmo tempo em que crescia sua participação nas bolsas de mestrado e doutorado no país, também aumentava a de bolsas no exterior: no CNPq, por exemplo, no período de 82 a 85, as CHS eram detentoras do maior contingente de bolsistas no exterior: 253 de um total de 911 em 1982 e 261 de um total de 936 em 1985.<sup>44</sup>

Com todo esse esforço e apoio governamental para formação de recursos humanos qualificados, as CHS correspondem, atualmente, a 7% dos pesquisadores do país<sup>45</sup> e produzem cerca de 2,9% da produção científica nacional de repercussão internacional, de acordo com dados do SCI. Isto, a despeito de se constituírem no maior alunado do mestrado (42% do total de alunos) e em uma parcela significativa (36%) dos doutorandos.

Ou seja, se a pós-graduação em CHS apresenta diferenças importantes com relação às Ciências Naturais, tais diferenças não podem ser atribuídas à falta de financiamento das primeiras. Esse fator, portanto, não pode ser elencado como explicativo das diferenças que serão apontadas a seguir.

## 2. Diferenças no tipo de produção científica?

Existe um considerável grau de concordância entre os estudiosos da ciência no sentido de que “cada sistema disciplinar tem sua

---

44 Cagnin & Silva, 1987, p. 60: usaram a antiga classificação do CNPq: CEN, CEG, CCA, CCS, CHS. Na classificação atual de grandes áreas utilizadas pelo CNPq, que agregou CEN, CEG e CCA com CCS em Ciências da Vida, as CHS utilizaram 17% das bolsas no exterior em 1980 e cerca de 30% delas em 1995 (CNPq/MCT, 1995, p. 29).

45 Dados de Krieger, E. & Galembek, F. (1994), *Ciência e Tecnologia no Brasil: Uma Nova Política para um mundo global. Síntese setorial: capacitação para as atividades de pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico*. p. 39.

própria maquinaria para manejar os processos de publicação e comunicação entre pessoas”.<sup>46</sup>

Tem sido constantemente observado que alguns tipos de publicações predominam sobre outros, segundo o tipo de disciplina. Assim, nas Ciências Exatas e Naturais, os resultados de investigação são expostos por meio de artigos nas diferentes revistas científicas, enquanto nas Ciências Humanas e Sociais tais resultados são publicados de maneira relativamente mais freqüente na forma de livros. Isso se deve, fundamentalmente, a: a) as Ciências Exatas e Naturais, por seus próprios esquemas conceituais, requerem um tipo de comunicação bastante dinâmico e conciso, pelo qual os autores podem estar em estreita comunicação e podem, assim, constatar e avaliar seus próprios avanços no campo científico; b) a linguagem própria dessas ciências permite a elaboração de textos cifrados e, por isso, mais breves, nos quais a linguagem natural não-cifrada não só intervém escassamente, como pode nem ser usada em certas ocasiões. As Ciências Humanas e Sociais, precisamente por seu objeto de estudo, se bem que possam empregar, e na realidade o fazem de forma crescente, vários sistemas simbólicos, em geral não se satisfazem com eles e necessitam complementá-los com outras formas de apresentação textual extensa. Daí que a produção científica dessas áreas se materializa, em uma significativa parte das vezes, na forma de livros.

Em suma, os resultados mais importantes da pesquisa em Ciências Naturais são relatados em artigos nos quais a referência a fórmulas e a linguagem bastante codificada reduzem significativamente o tamanho do manuscrito. Por outro lado, livros, freqüentemente dirigidos a uma audiência externa além da acadêmica, são um importante canal de publicação para as Ciências Sociais e Humanas. Tais discrepâncias no formato e comprimento das publicações refletem claramente diferenças no conteúdo.

---

46 PRICE, J. Derek de Solla ([1970], 1986), "Citation Measures of Hard Science, Soft Science and Nonscience", in: *Little Science, Big Science and Beyond*. New York, Columbia University Press, p. 179.

No contexto dos países cientificamente periféricos, a diferença entre os canais de publicação utilizados preferencialmente por pesquisadores de Ciências Exatas e por aqueles de Ciências Humanas e Sociais também se evidencia com respeito ao idioma e ao local geográfico de publicação; ou seja, os pesquisadores de Ciências Exatas e Naturais publicam consideravelmente mais que seus colegas das Ciências Humanas e Sociais em línguas e veículos estrangeiros. No caso brasileiro, essa característica tem se manifestado de forma marcante, de tal modo que as CHS contribuem apenas com cerca de 3% das publicações brasileiras na literatura internacional *mainstream*.<sup>47</sup> Quando se considera que 20% dos grupos de pesquisa brasileiros pertencem às CHS, pode-se afirmar que

*os cientistas brasileiros da área de humanas ainda não aderiram à tendência mundial de publicar em periódicos internacionais indexados, como nas outras áreas do saber, atendo-se ao sistema tradicional de divulgar a maior parte de seus trabalhos sob a forma de teses ou livros escritos em português, que são de difícil acesso à leitura internacional e não são contabilizados pelo sistema ISI.*<sup>48</sup>

Esta é uma realidade das Ciências Sociais brasileiras: a divulgação da sua produção científica quase que exclusivamente em português e dentro do próprio país.

### 3. Diferenças na colaboração em pesquisa?

Basta folhear alguns poucos periódicos de diferentes áreas do conhecimento para que se perceba rapidamente que o grau de autoria múltipla é muito mais alto nas Ciências Naturais que nas Sociais e Humanas.

---

47 As engenharias, que têm padrão de publicação local e que, por trabalharem com pesquisa aplicada tendem a não abrigar escritores muito profícuos, produzem 5% da produção científica nacional de impacto internacional, ou seja, aquela indexada pelo ISI (Krieger & Galembek, op. cit., p. 39).

48 de Meis, L. & Leta, J. (1996), *O perfil da ciência brasileira*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, p. 55.

Tem sido freqüentemente apontado na literatura<sup>49</sup> que a comunicação e o processo de decisão, que são importantes nos processos de pesquisa colaborativa, são mais fáceis em áreas nas quais os cientistas partilham o mesmo paradigma, especialmente se a colaboração envolve uma relação do tipo superior/subordinado, tais como a que se estabelece entre orientador/orientando. Nestas, o orientador pode prontamente comunicar seus desejos a um estudante que entenderá o que é desejado, tenderá a concordar com o julgamento do orientador e, por sua vez, conseguirá ele mesmo comunicar suas idéias mais facilmente ao orientador. Em relações deste tipo, os processos decisórios com relação a muitos aspectos da pesquisa são bastante rotineiros e os colaboradores podem concentrar seus esforços em questões mais substantivas. Existem evidências de que os pesquisadores nas Ciências Naturais, particularmente na física, experimentam muito menos desacordos e conflitos sobre a pesquisa que os cientistas sociais. Argumenta-se, assim, que estes últimos têm de despender tal esforço para atingir concordância em várias das decisões em que o processo se torna muito difícil e o conflito iminente, e a colaboração deixa de ser uma vantagem para o cientista. De fato, existem evidências empíricas produzidas em vários países de que o nível de co-autoria de artigos nas CHS é muito baixo quando comparado ao das outras áreas do conhecimento.<sup>50</sup> Como o produto final nas Humanidades e nas Ciências

---

49 Lodahl, J.B. & Gordon, G. (1972), "The Structure of Scientific Fields and the Functioning of University Graduate Departments". *American Sociological Review*, 37, pp. 57-72.

50 Em uma pesquisa realizada em 1992, através de questionário enviado a todos os professores assistentes ou mais graduados, de todas as áreas do conhecimento (agrupadas em Ciências Naturais, Ciências Médicas, Ciências Sociais, Humanas e Tecnologia) das quatro universidades norueguesas, encontrou-se que várias das poucas pessoas das Ciências Humanas que tentaram a co-autoria em um artigo relatam que a experiência foi desastrosa (Kyvik, S. & Smeby, J. C. (1994), "Teaching and Research. The Relationship Between Supervision of Graduate Students and Faculty Research Performance", *Higher Education* 28: 227-239). Na Espanha também encontrou-se que mais de 80% dos artigos publicados em CHS tinham autoria única, ao passo que esta mesma porcentagem era encontrada para os artigos em co-autoria nas Ciências Naturais (Gómez, I. & Fernández, M. T. (1995), "Collaboration Patterns of Spanish Scientific Publications in Different Research Areas and Disciplines", In: *Proceedings of the 5th Scientometrics Conference*, Rosary College, River Forest, IL, USA, 7-10, pp. 187-196).

sociais frequentemente tem um caráter ensaístico e individual, pode ser difícil concordar não apenas no conteúdo, mas também no estilo. Isso significa que a colaboração não só é mais fácil em áreas nas quais os cientistas partilham o mesmo paradigma, mas também naquelas mais codificadas e menos literárias.

Essa dificuldade e a falta de apelo da colaboração científica nas CHS têm seus reflexos nas relações estabelecidas entre orientador e orientando.

#### *4. Diferenças na relação orientador/orientando?*

Nas Ciências Naturais, existe uma fronteira de pesquisa mais presente que nas disciplinas que compõem as CHS. Na primeiras, um problema de pesquisa relevante e interessante frequentemente baseia-se em conhecimento extensivo sobre teorias, métodos e resultados mais recentes em áreas de pesquisa bastante especializadas. Isso parece explicar por que os estudantes de doutorado nestas áreas do conhecimento trabalham de maneira menos independente que nas Humanidades e nas Ciências Sociais. Mesmo os estudantes de doutorado que não estão diretamente associados à pesquisa de seus orientadores frequentemente colaboram com eles em outras pesquisas.

Nas Ciências Sociais e nas Humanidades, ao contrário, os estudantes de doutorado trabalham de forma muito independente, mesmo que eles estejam diretamente associados ao trabalho de seus orientadores.<sup>51</sup> Como as estruturas de conhecimento nestas áreas são menos organizadas hierarquicamente e existe maior desacordo intelectual entre os pesquisadores, é de se esperar que os próprios estudantes de doutorado formulem seus problema de pesquisa e os executem de forma independente.<sup>52</sup>

---

51 Kyvik & Smeby (1994, *ibidem*) encontraram que 46% de todos os estudantes de doutorado trabalham em dissertações ligadas aos projetos de pesquisa de seus orientadores. Entretanto, diferenças bastante grandes foram encontradas para as várias áreas do conhecimento: 58% nas Ciências Naturais, 47% em Tecnologia, 45% em Medicina, 21% nas Ciências Sociais e 14% nas Ciências Humanas.

52 Becher, T. (1989), *Academic Tribes and Territories. Intellectual enquiry and the culture of disciplines*. Milton Keynes, SRHE/Open University Press.

Esses variados graus de dependência do estudante com relação ao orientador manifestam-se também na produção científica de ambos. Assim, nas Ciências Naturais, o estudante de doutorado freqüentemente publica antes de se titular e o faz em co-autoria com seu orientador. Conseqüentemente, a orientação de estudantes de doutorado tem um efeito significativo na produção científica dos orientadores das áreas de Ciências Naturais, mas não nas Ciências Sociais e humanas. Nestas circunstâncias, é de se esperar um maior interesse dos primeiros que dos últimos no desenvolvimento do trabalho de seus alunos.

Assim, a razão pela qual os estudantes de doutorado nas Ciências Exatas recebem, em geral, orientação mais próxima ou mais presente do que os das sociais é obviamente devido ao fato de que os orientadores das primeiras auferem retornos positivos com a orientação, os quais refletem-se num aumento significativo de produtividade científica – o que certamente não é a regra nas Ciências Sociais. Níveis mais elevados de colaboração entre professores e estudantes nas CHS – incluindo alguma publicação conjunta – poderia, portanto, aumentar o interesse dos professores em dedicar mais tempo à orientação.

Uma orientação adequada precisa ser estável, continuada. Sabe-se que, na prática, a orientação é freqüentemente inadequada em intensidade e em qualidade. Existem limites para o número de estudantes de doutorado que qualquer indivíduo pode orientar: um aspecto que é muitas vezes esquecido ou ignorado. Além disso, é necessário reconhecer que muitos pesquisadores universitários consideram a orientação uma tarefa bastante difícil: ela requer uma combinação sutil de habilidades. Experiências relatadas na literatura dão conta de que discussões estruturadas em grupo sobre problemas e práticas na orientação têm sido particularmente eficientes em melhorar a prática da orientação.

Um bom ambiente de pesquisa, no entanto, fornece mais do que supervisão de boa qualidade. Num bom laboratório de ciências, o jovem cientista recebe apoio de várias fontes; estando geralmente cerca-

do de pesquisadores mais experientes, a estes freqüentemente ele pede ajuda; além disso, com os mais experientes ele adquire uma série de conhecimentos tácitos, pela observação e trabalho conjunto. Muitos destes pesquisadores seniores são pós-doutorandos, pesquisadores estrangeiros em licença sabática etc. Eles desempenham um papel vital.

Para as CHS, cuja produção acadêmica não é feita em laboratório, parte do desafio que têm de enfrentar é a introdução de algo similar ao descrito para as Ciências Naturais. Em certa medida o enfrentamento deste desafio conflita com a prática estabelecida em áreas nas quais os acadêmicos em geral trabalham individualmente, em bibliotecas ou em casa. Quando questionadas, tais práticas são justificadas com base na tradição de produção de conhecimento na área ou na falta de espaço físico para que se permaneça na universidade. Tais problemas têm de ser enfrentados. Acredita-se que um ambiente estimulante que venha a beneficiar os estudantes, necessariamente, se baseia em algum grau de coerência na pesquisa institucional, em interação pessoal sistemática e regular que, por sua vez, exige que as pessoas estejam fisicamente presentes em bases regulares, e na presença de pesquisadores experientes cujo tempo é dedicado, principalmente, à pesquisa ativa.

##### *5. Diferenças no tempo gasto para obter o título?*

Existem diferenças importantes entre as disciplinas científicas quanto à natureza de seus processos de pesquisa e à natureza de suas práticas profissionais. As disciplinas científicas diferem na natureza das incertezas que têm de ser enfrentadas pelo pesquisador. Nas disciplinas das Ciências Naturais, os problemas podem ser claramente demarcados, os pontos de partida teóricos são usualmente pouco ambíguos e os métodos de pesquisa, relativamente padronizados. Em muitas das disciplinas das Ciências Sociais, e nas Ciências Humanas, os problemas de pesquisa são freqüentemente mais difusos, as perspectivas teóricas mais contestadas, os métodos menos padronizados. Isto contribui para que o tempo gasto para obter a titulação em CHS seja significativamente maior que nas Ciências Naturais.

Em geral, a tendência dos mais variados países tem sido no sentido de garantir que o treinamento em pesquisa na pós-graduação não se expanda para mais do que cinco anos. De fato, o término bem-sucedido do doutorado (a obtenção do título) dentro deste período tem sido a exceção em muitas disciplinas, qualquer que seja o país. Isto tem se tornado uma enorme preocupação, porque sugere ineficiência no uso de recursos, embora também reflita incertezas com relação a parâmetros. Existe uma tendência, hoje, em recompensar ou penalizar instituições de acordo com seu sucesso em garantir que uma alta porcentagem de seus estudantes obtenha os títulos dentro de um prazo razoável. A premissa é que a falha no cumprimento deste prazo é uma consequência de falta de orientação e condições de trabalho adequadas, áreas em que certamente muitos avanços poderiam ser feitos. Em grande medida, esta visão é correta e existem evidências de que sanções apropriadas podem ter algum sucesso. Entretanto, é importante assinalar duas outras importantes causas do não-término do doutorado:

1 – em algumas áreas muito dinâmicas, isto é, devido ao fato de jovens pesquisadores promissores serem tentados a abandonar seus cursos por ofertas de trabalho atraentes, principalmente de empresas. Nesses casos, falar de desperdício de recursos, ou falha, não é correto;

2 – em algumas áreas, notavelmente nas Ciências Humanas e em algumas Ciências Sociais, existem muitos estudantes que se matriculam para o PhD para ‘ocupar o tempo livre’. Esses geralmente fazem pouca demanda sobre a universidade e freqüentemente não têm qualquer pressa em terminar seus cursos. Eles estão simplesmente fazendo isto porque gostam.

Quando se considera a eficácia do treinamento de pós-graduação, estes dois grupos devem ser excluídos de qualquer cálculo de fluxo. É importante focalizar naqueles que foram financiados para fazer o PhD e que não conseguiram submeter a tese no final do período concedido. Em relação a esses, acredita-se que é possível induzir as instituições a fazer as melhoras necessárias em termos de

instalações – salas de aula, bibliotecas, facilidade de computadores, salas coletivas etc. – e da qualidade da orientação oferecida.

## 6. Diferenças no significado da pós-graduação para a futura carreira?

O significado da pesquisa de doutorado para as oportunidades futuras de carreira também difere significativamente entre as disciplinas. No capítulo anterior, que trata do conceito de pós-graduação, notou-se que existem diferenças marcantes entre as várias disciplinas: em Química, um doutorado é condição *sine qua non* para qualquer carreira profissional, seja ela na P&D industrial ou na pesquisa universitária. Isso já não acontece, pelo menos com a mesma ênfase, no caso do engenheiro. Além disso, enquanto o químico e o engenheiro têm uma ampla variedade de empregos disponíveis, o mesmo não ocorre com o historiador e o filósofo, para quem trabalho profissional fora do ensino, e de pesquisa fora da universidade ou de instituições públicas de pesquisa, raramente existe. Estas duas dimensões – habilidades e emprego – não são totalmente independentes uma da outra.

É importante reconhecer as implicações dessas diferenças disciplinares para o treinamento em pesquisa na pós-graduação. A partir das diferenças no grau de padronização das habilidades e na importância profissional do trabalho não-acadêmico seguem-se diferenças no que tipicamente se espera de alguém que está sendo treinado em pesquisa. Nas Ciências Naturais, está se tornando prática aceita submeter uma dissertação composta de artigos publicados. Esses, tipicamente, derivam-se de pesquisa colaborativa e freqüentemente são em co-autoria. Claramente, o que se exige de um candidato nestas áreas é bastante diferente do que se exige numa disciplina em que a autoria única de um trabalho substantivo, tão longo quanto um livro, é a norma. As políticas de financiamento da pós-graduação precisam respeitar estas diferenças entre as disciplinas.

Por outro lado, diferenças em convenções são permeáveis a abusos. Vagas referências às singularidades de algumas disciplinas são algumas vezes usadas para justificar práticas ultrapassadas, ou

falta de interesse em um treinamento adequado e rigoroso. Cada disciplina precisa considerar os padrões de qualidade a serem impostos e refletir na sua compatibilidade com as exigências de uma educação pós-graduada moderna e abrangendo grandes números de estudantes. Isso significa que, em cada disciplina, as convenções deverão ser definidas e redefinidas gradualmente, de modo que fique claro que tipo de contribuição ao conhecimento poderá ser feita no período de três a cinco anos. Alguma padronização na duração e estrutura do treinamento em pesquisa é essencial, e uma reflexão sobre possíveis mudanças na natureza da tese é aconselhável. A padronização, entretanto, não pode ser levada longe demais.

Por exemplo, dados recentes produzidos pelo CNPq dão conta de que as ‘perdas’ na pós-graduação – definidas como a não-titulação do aluno dentro do tempo previsto de 30 meses para o mestrado e 48 meses para o doutorado – são mais altas para as CHS do que para as demais áreas do conhecimento. Naquelas elas correspondem a aproximadamente 65% para o mestrado e o doutorado, enquanto nos mestrados das Ciências Biológicas, por exemplo, alcançam apenas 21%. Parece claro que se fazem necessários estudos para que se possa detectar e intervir na aparente ‘baixa produtividade’ destes cursos. Será que essa alta taxa de perda deve-se ao fato de não ser factível a obtenção dos títulos nestas áreas nos prazos previstos de duração da bolsa? Será que o título não é importante porque os egressos dessas áreas tendem a assumir posições onde não se faz pesquisa?

As diferenças cognitivas entre as Ciências Exatas e Sociais, que se refletem em várias dimensões do ensino e da pesquisa, algumas das quais foram apontadas no presente texto, indicam que a educação pós-graduada nas diversas áreas do conhecimento não pode basear-se num modelo único, o das Ciências Naturais. Em certa medida, uma aproximação deste modelo provavelmente seria benéfica para as Ciências Sociais, mas é necessário aceitar que as diferenças inerentes às várias áreas do conhecimento tornam totalmente irrealista a busca de uma completa convergência de modelos.